

Dossier

Italia y América Latina: relaciones intelectuales, científicas y artísticas (siglos XIX, XX y XXI)

Italy and Latin America: intellectual, scientific and artistic relations (XIX, XX and XXI centuries)

Coordinadores: Camilla CATTARULLA¹ y Andrea CIACCHI²

Apresentação

Quando, em 1861, com a proclamação do Reino de Itália, nascia a nação italiana, a imensa maioria das nações latino-americanas já haviam alcançado a independência, algumas havia quatro décadas. Antes dessa data, como sabemos, o território que hoje corresponde à Itália vinha sendo objeto de processos políticos, militares e diplomáticos que o fragmentaram em numerosos e variáveis arranjos institucionais. Nesse contexto – também em decorrência de processos ideológicos, culturais e sociais complexos e peculiares – afirmava-se uma ideia de “Itália” e de “italianidade” que deu sentidos diferentes ao próprio adjetivo, *italiano*, que pôde ser usado, também em dicções e perspectivas diversas, desde meados do século XIII, subentendendo, porém, quase sempre, a afirmação da consciência de uma “unidade étnica” mais profunda e desvinculada da realidade político-territorial.

Atividades artísticas e científicas, mesmo atreladas em todo lugar da península a situações de apoio, fomento e financiamento ligadas àqueles arranjos políticos e institucionais, foram se reconhecendo e sendo reconhecidas como “italianas”, ao longo do tempo e do espaço, tanto por “italianos” como por estrangeiros. Quem, por exemplo, iniciando a sua viagem numa das nações “antigas” da Europa (Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, ou mesmo a fragmentada Alemanha) se dirigisse à “Itália”, em *grand tours* ou por outros motivos que remetesse à ciência ou à arte (ou seja, também, à *história*) reconhecia que Roma, Veneza, Florença, Nápoles ou Milão eram, também e sobretudo, *Itália*.

Nesse contexto, portanto, compreende-se a diferença (geopolítica e ideológica, frequentemente rebatendo na dimensão do imaginário) entre as presenças italianas na América Latina e outras – como a francesa, a inglesa ou mesmo a holandesa, e, obviamente, as ibéricas. Nos fluxos históricos e ideológicos, os *italianos* na América Latina eram – quando foram – marinheiros (*navigatori*, mais pomposamente se gabavam alguns regimes do passado) ou emigrantes. Assim, as relações artísticas e científicas entre Itália e América Latina têm sido, mais frequentemente e mais exatamente, relações entre *pessoas italianas* e contextos científicos, acadêmicos e artísticos em alguns países da América Latina, com ênfase em trajetórias individuais. Nessa perspectiva, uma possível galeria de presenças e passagens assume um tom paradigmático, se pensarmos, por exemplo, ao engenheiro militar Agostino Codazzi (1793-1850), que se torna geógrafo “colombiano” e “venezuelano” (Antei, 1993), ao conde Ermanno Stradelli (1852-1926), que vira explorador da Amazônia e “etnógrafo” (Raponi, 2016), a Florentino Ameghino, que com menos de dois anos de idade chega à Argentina, onde se afirmará como um dos mais influentes cientistas naturais do país – entre outras

¹ Università di Roma Tre. Email: < camilla.cattarulla@uniroma3.it >

² Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Email: < andrea.ciacchi@unila.edu.br >

coisas (Podgorny, 2021); ou ao advogado e militante anarquista Pietro Gori (1856-1911), que também na Argentina de entresséculos tenta renovar a criminologia, sem desistir da luta política (Quinta, 2018); até as legiões de músicos, artistas plásticos, escultores, arquitetos (Rubino, 2002), atores (Vannucci, 2014) e cantantes, médicos (Podgorny, 2010) que circulam, em idas e vindas e outras andanças, pela região, criando ao mesmo tempo ou alternadamente, renomes pessoais e/ou tradições coletivas.

Por outro lado, porém, o acesso latino-americano a dimensões “italianas” do conhecimento (científico, mas não só) e da produção estética, também passa através da circulação transnacional de livros, ora livre ora clandestina. São exemplares, em opostas perspectivas, os casos de Cesare Lombroso (Sansone, 2022) e Gramsci (Massardo, 1999 e Coutinho e Nogueira, 1988), nos quais evidentemente a recepção também engendra usos, interpretações, adaptações e, na outra frente, reações e oposições. Estão a meio-caminho entre esses dois polos as trajetórias daqueles “americanistas” italianos (arqueólogos, historiadores, antropólogos, linguistas etc.) que, carregaram pelo mundo a forma italiana de abordar questões latino-americanas (Ciacchi, 2019).

Menos conhecidos, por motivos que mereceriam alguma reflexão, são os casos simétricos: viajantes e *viajeros* latino-americanos à ou pela Itália. Passagens breves, como as de D. Pedro II, Nísia Floresta ou Joaquim Nabuco (Fonseca, 2007) ou mais longas, como as de Murilo Mendes, de Sergio Buarque de Holanda (e, décadas mais tarde, de seu filho Francisco) e de José Carlos Mariátegui. Algumas dessas viagens ou permanências, evidentemente, cruzam-se com questões nas quais a escolha pela Itália acontecia em contextos de exílio político: lembremos, mais nas artes do que nas ciências, os casos chilenos de um Pablo Neruda ou de um conjunto musical emblemático como Inti Illimani. Significado particular assumem também, as passagens e estadias de alguns modernistas hispano-americanos, como Ruben Darío, em 1900, e José Enrique Rodó, em 1916 e 1917³, que “realizam uma experiência odepórica mais voltada à estética do que ao turismo” (Cattarulla, 2022).

Dessa forma, parece-nos ainda necessário proceder a identificar e, em muitos casos ainda, aprofundar, aspectos, figuras e resultados que se reportam a essas relações entre Itália e América Latina, tanto nas arenas acadêmicas e científicas, como nos cenários políticos e nas dimensões estéticas e criativas. Com esse pequeno dossiê, assim, esperamos ter sugerido um caminho a seguir e fornecido uma contribuição que possa vir a dar mais frutos.

Por isso, é com satisfação que incluímos o trabalho de Ana Raquel de Matos Castro, que traz a presença do Museu Paraense Emilio Goeldi na Exposição das Indústrias e do Trabalho em Turim de 1911. O artigo de José Ignacio Weber nos aproxima de uma figura menos conhecida da presença italiana no contexto do positivismo italiano – o jornalista Emilio Zuccarini. Outro divulgador da cultura italiana – mas no Brasil –, Franco Ciarlantini, é o tema da contribuição de Sarah Fernandes. Esses três trabalhos perfazem, portanto, uma amostra de ações voltadas à divulgação, à popularização e à apresentação de temas, produtos e produções que se imaginavam como mutuamente interessantes e enriquecedores. Francesco Ferrari, por sua vez, propõe um trabalho que apresenta uma faceta bem menos estudada dos contextos religiosos que se construíram entre Europa e América Latina: a participação feminina, em missões no século XX, mais especificamente no Cone Sul. Maria Celeste Tommasello traz à nossa atenção um caso paradigmático da frequência por parte de intelectuais latino-americanos – aqui o folclorista brasileiro Câmara Cascudo – de tradições científicas e literárias italianas, inclusive, como neste caso, remontando ao séculos XVI e XVII. Finalmente, Alfredo Cordiviola revela, através de uma trajetória da sua própria família

³ Como sabemos, Rodó morreu em maio de 1917 em Palermo, na Sicília.

argentina, as várias dimensões contextuais da imigração italiana no país, no meio de debates ideológicos e de práticas políticas.

Referências

- Antei, Giorgio (1993). *Los héroes errantes: Historia de Agustín Codazzi, 1793-1822*. Bogotá: Planeta.
- Cattarulla, Camilla (2022). Viaggio e modernità: scrittori ispanoamericani a Roma tra XIX e XX secolo. *Le forme e la storia*. Rivista di Filologia Moderna, n.s. XV, 1-2, pp. 287-298.
- Ciacchi, Andrea (2019). A participação italiana nas primeiras décadas do movimento americanista (1890-1946). *Intelligere*, n. 7, pp. 1-52. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2019.158135>
- Coutinho, Carlos Nelson; Nogueira, Marcos Aurélio (Orgs.) (1988). *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fonseca, Janete Flor de Maio (2007). *Correspondência de viagem*. Brasileiros na Europa Oitocentista – 855 a 1898. Belo Horizonte: Tese de Doutorado, UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
- Massardo, Jaime (1999). La recepción de Gramsci en América Latina: cuestiones de orden teórico y político. *Internacional Gramsci Society Newsletter*, n. 9. Disponível em: http://www.archivochile.com/Ideas_Autores/gramscia/s/gramscisobre0007.pdf. Acesso em 18 de julho de 2022.
- Podgorny, Irina (2010). Coleccionista de Arena. La comisión médico - quirúrgica italiana en el Altiplano Boliviano (1875 - 1877). *Antípoda Revista de Antropología y Arqueología*, n. 11, pp. 165-168.
- _____ (2021). *Florentino Ameghino y Hermanos: empresa argentina de paleontología ilimitada*. Buenos Aires: Edhasa.
- Quinta, Hugo (2018). *A trajetória de um libertário: Pietro Gori na América do Sul (1898 - 1902)*. Foz do Iguaçu: EDUNILA.
- Raponi, Livia (org.) (2016). *A única vida possível*. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia. São Paulo: Editora da UNESP.
- Rubino, Silvana (2002). *Rotas da modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi 1947-1968*. Campinas: Tese de Doutorado, UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- Vannucci, Alessandra (2014). *A missão italiana. Histórias de uma geração de diretores italianos no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.